

DOI  
10.11606/issn.2525-3123.  
gjs.2025.219529

# LUZ, AROMA E CALOR

**CLAYTON GUERREIRO<sup>1</sup>**

Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil, 07252-312 – poscienciassociais@unifesp.br

ORCID  
<https://orcid.org/0000-0002-2227-9925>

Lumes compostos por carvões em combustão. Velas feitas de parafinas e barbantes. Incensos produzidas com madeiras, óleos e plantas. Juntas ou não, as coisas relacionadas ao fogo são fundamentais na produção de uma “atmosfera religiosa” (Reinhardt 2020) nos cultos e tratamentos espirituais das igrejas Zione, as principais Igrejas Independentes Africanas de Maputo, Sul de Moçambique (Cavallo, 2013).

Os rituais liderados pelos profetas Zione rompem com a pretensão de que um sentido possa prevalecer sobre os demais e colocam sob suspeita a primazia ocidental concedida à visão e o menosprezo aos demais sentidos (Stoller, 1989; Classen et. al., 1994; Novaes, 2009). Além disso, não há nesse tipo de ritual uma prioridade do humano sobre as coisas, mas sim indicativos de que as “coisas estão vivas” (Ingold, 2012) e em conexão com os humanos. Assim, se o fogo é a evidência química da interação entre combustível, calor, comburente (oxigênio) e reação em cadeia, as sensibilidades espirituais se formam a partir de um emaranhado relacional composto por coisas, espíritos e pessoas, envolvidos por toques, gostos, olhares, barulhos e cheiros.

Isso fica tanto mais evidente na experiência daquelas pessoas mais sensíveis, as que são capazes de perceber em seus corpos ou no ambiente os sinais dos *tinguluve* (espíritos da linhagem) e o flamejar produzido pelo

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado com financiamentos concedidos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processos: 2017/24663-0 e 2022/08123-3.

*moya* (vento ou Espírito Santo) ou pelos *mimoya*, os espíritos convertidos em anjos.

Invisíveis para alguns, mas perceptíveis para muitos, os espíritos estão lá, preenchendo corpos, quartos, salas, quintais e templos, entre reações químicas e arrepios, forjando a sensibilidade dos olhos que veem clarões e escuridão e dos poros e narinas invadidos por aromas variados, enquanto a cera da vela derretida queima a pele e o suor produzido pelo calor do fogo escorre no corpo dançante, cantante e suplicante.

Durante meu trabalho de campo em Maputo (Guerreiro, 2022), percebi que a combustão espiritual dos rituais Zione tem seu antecedente no caos comercial do mercado Xipamanine, onde encontramos barracas de capulanas, panelas de barro, linhas de lã, cordas, galinhas, cabritos, plantas, cremes, pastas, ervas e incensos. Além dos clientes dos *tinyanga*, as pessoas que frequentam os rituais performados pelos profetas Zione também recorrem aos tradicionais produtos.

Meus principais interlocutores levavam essas coisas para dois lugares principais: o bairro da Mafalala e a Praia Costa do Sol. Havia uma casa que servia como local de preparação para o ritual noturno, enquanto a sala de outra residência se transformava em templo no período da noite e aos domingos pela manhã.

A primeira cena que descrevo ocorreu no quintal da primeira casa. O local é tanto utilizado para tratamento espiritual quanto um bar improvisado. Por lá passam clientes dos profetas e pastores Inês e João e fiéis que se preparam para o culto noturno em uma residência localizada a alguns poucos metros dali. Enquanto se troca 2M, Txilar e Laurentina (marcas de cervejas moçambicanas) por meticais (moeda moçambicana), o profeta João retira de sua mochila uma estola verde, decorada com uma cruz, além de incenso, ervas, pastas e cremes. Com a estola no pescoço, ele deposita os palitos de incensos em um velho e atarefado fogão, cujo lume havia sido previamente preparado pela secretária da igreja e proprietária da casa e do bar.

O lume arde no velho fogão feito de ferro e movido à carvão, produzindo chamas alaranjadas e reforçando uma mancha escura no muro avizinhado. O pastor vai ao canto e toma uma panelinha de barro, onde será depositado o incenso, minuciosa e pacientemente desfeito em pequenos pedaços e fustigado por um pilão, na verdade um tronco de madeira parcialmente queimado, quando da realização de outras tarefas domésticas ao lume. O incenso será utilizado para os tratamentos e rituais noturnos.


As horas se passam e as clientes da noite começam a chegar. Depois de resfriado e posto à parte, em uma pequena vasilha de plástico, o incenso

triturado volta para a panela, onde ganha a companhia de algumas peças de carvão e recebe mais fogo, preenchendo o ambiente com uma fumaça que visa afastar os maus espíritos. Uma das mulheres deseja que seu marido volte para a casa. A outra moça está lutando para fazer seu salão de beleza prosperar, daí os cremes misturados na panela serem essenciais para o tratamento.

Durante o culto, em outra casa, o incenso é fundamental. Primeiro os fiéis chegam na sala improvisada e começam a cantar. Enquanto louvam e batem palmas, alguém toca o *xigubo* ou “batuque”, um instrumento musical de percussão (Lopes, Brito e Guerreiro, 2021). O pastor passeia pela sala minúscula com o incenso ardendo na panelinha de barro e se concentra principalmente na entrada da casa, de modo a criar uma espécie de bloqueio para os maus espíritos. Na mesa de canto, onde ficam Bíblias, bolsas e pastas, velas e incensos permanecem ardendo por toda a reunião. Os fiéis que ajoelham precisam segurar um incenso ou vela, enquanto pastores, profetas e assistentes impõem as mãos sobre a pessoa tratada. Em reuniões especiais, quando ocorre o ritual com rosas para solucionar questões amorosas, há mais fogo e fumaça. Enquanto as fiéis salpicam a rosa em uma bacia plástica com água, clamando por sua vida sentimental, há uma panelinha, com vela e incenso ao lado. A fumaça reforça a ambientação espiritual.

Em outra parte da cidade, na Praia Costa do Sol, diversos rituais precisam de fogo e incenso. Em um deles, faz-se a “saída da palhota” (Cavallo 2013; Guerreiro 2022), geralmente um ritual para resolver os problemas de uma jovem mulher com seu “marido espiritual” (Kamp 2019). Depois de receber um banho de *matope* (lama), a jovem tem seu corpo coberto somente com uma capulana e é levada até uma palhota improvisada, feita de galhos, arbustos e/ou papelões. Quando as profetizas ou profetas deitam fogo na palhota, com a pessoa ainda em seu interior, é preciso rapidez e destreza para correr em direção à praia ou a uma cratera previamente feita na areia, sem olhar para trás. Já dentro do refúgio, a mulher recebe um banho de água do mar, enquanto as chamas flamejantes, em um canto mais isolado da praia, tornam roupas, papelões e palhas em cinzas.

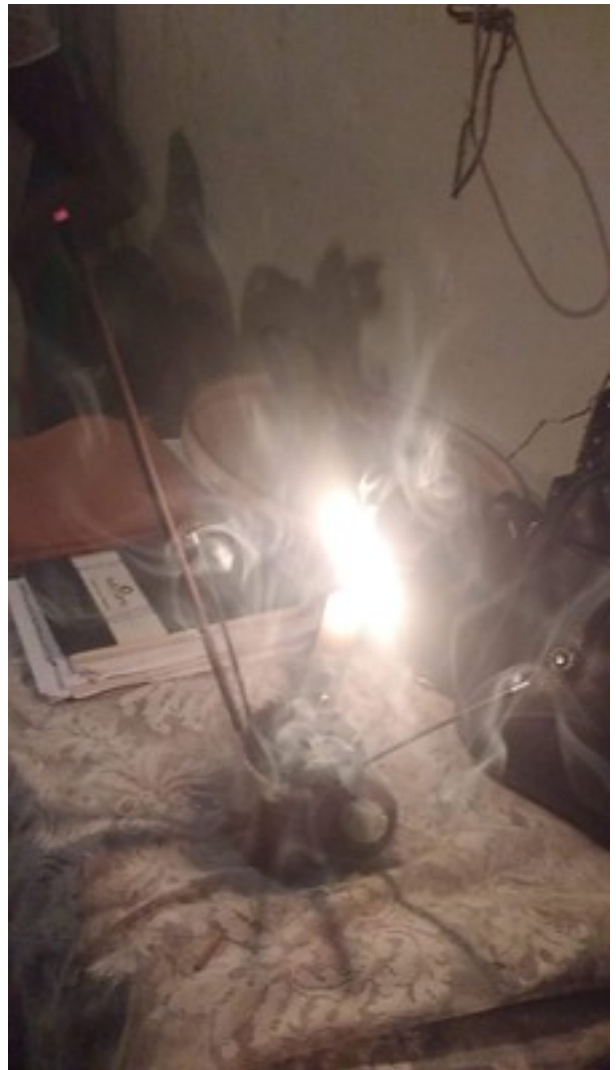
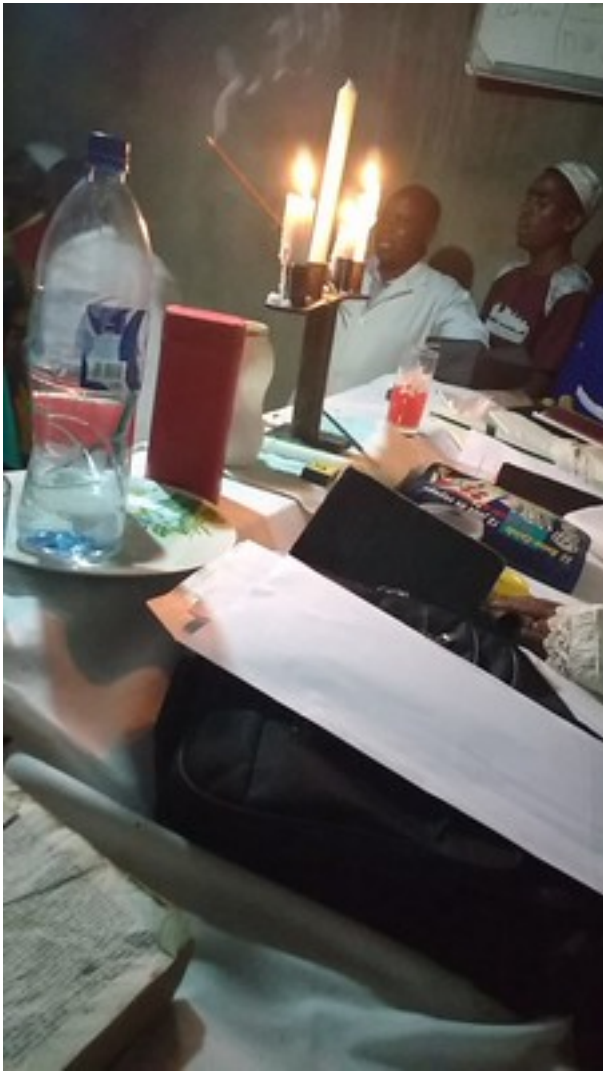
Alguns rituais envolvendo velas e incenso são menos arriscados. Em oferendas para abrir caminhos ou alcançar sorte, o profeta pode orientar um cliente a depositar frutas, rebuçados (balas), um pano branco e uma folha A4 com os pedidos aos espíritos. Como que protegendo as oferendas, velas de diversas cores (azul, amarela, verde e branca) são dispostas ao lado da cesta com alimentos. Mesmo com quase tudo pronto, o ritual pode ser frustrado pela força do vento que impede a combustão. Em uma dessas ocasiões, o vento estava muito forte e as conchas feitas com as mãos não foram suficientes para acender o fósforo. Uma manilha de concreto

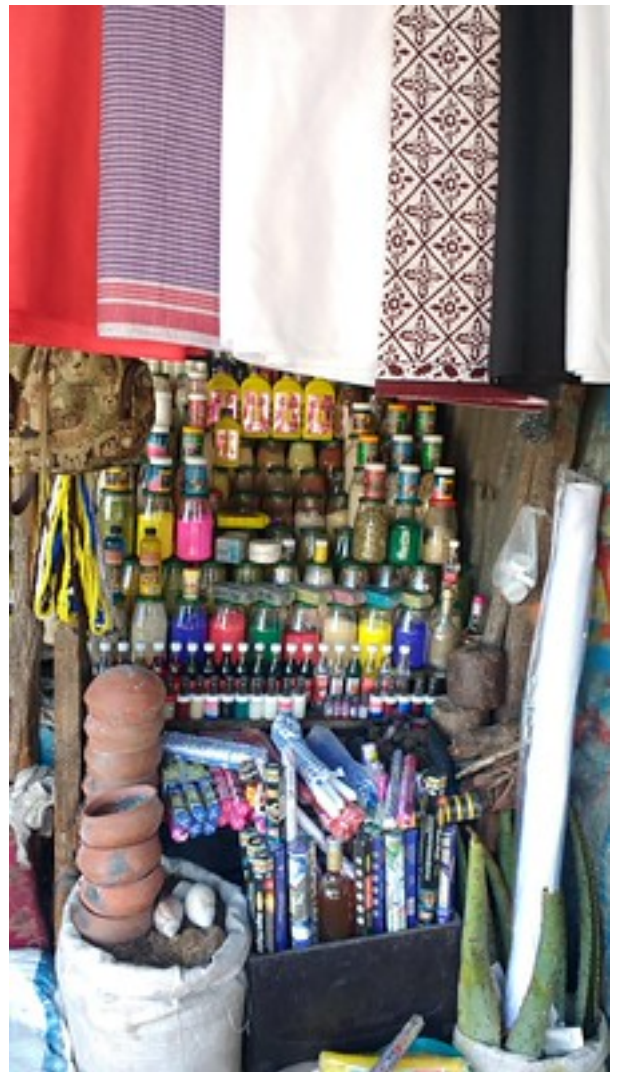


deixada no meio da areia da praia parecia ser o local ideal para acender a vela, mas o esforço do profeta foi em vão. A lufada de ar impediu a combustão física. Apesar dessa situação inconveniente, o profeta prometeu a seu cliente boa sorte e caminhos abertos. Afinal, o fogo espiritual ainda estaria ardendo.

As fotografias que dialogam com a narração acima resultam de um interesse mais amplo, expresso em minha tese de doutorado (Guerreiro, 2022), quando busquei acompanhar um fluxo relacional formado por coisas, pessoas e espíritos em Moçambique. De algum modo, isso implicou em prestar a atenção às tensões entre humanos e outros-que-humanos com uma tendência em priorizar os últimos. Trata-se de uma “narrativa” (Novaes, 2008) composta por imagens artisticamente despretensiosas, mas coerentes com a intenção de valorizar as experiências sensoriais vividas por mim e meus interlocutores, a partir de nossa intensa conexão com as coisas.

Isso explica, em parte, o fato de as imagens – feitas em um antigo e polivalente celular Motorola – terem sido capturadas em plano fechado (*close-up*). O outro lado da explicação diz respeito aos próprios constrangimentos espaciais para a captura das fotos, uma vez que boa parte das imagens foram feitas em uma sala-templo de cerca de 15m<sup>2</sup>, que chegava a receber cinquenta pessoas, afora as coisas que lá estavam. Assim, trata-se aqui de um ensaio que busca, sobretudo, compartilhar uma experiência etnográfica que prioriza as imagens e as “coisas”, mas não dispensa a possibilidade de diálogo com os “desenhos de palavras” impressos em “peles de árvores”, como na poética expressão cunhada por Davi Kopenawa para descrever letras e papéis (Kopenawa; Albert, 2015).

















## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cavallo, Giulia. 2013. *Curar o passado: mulheres, espíritos e "caminhos fechados" nas igrejas Zione em Maputo, Moçambique*. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Classen, Constance, David Howes, Anthony Synnott. 1994. *Aroma: The Cultural History of Smell*. London: Routledge.
- Guerreiro, Clayton. 2022. *"Universal é mazione": Magia civilizatória e relacionalidade em torno das igrejas brasileiras em Maputo, Sul de Moçambique*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Ingold, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, ano 18, n. 37: 25-44.
- Kamp, Linda Van de. 2019. Conversão do marido espiritual: a realização da imaginação pentecostal em Moçambique. *Debates do NER*. vol.1, n. 35.

Kopenawa, Davi, Bruce Albert. 2015. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Lopes, Artur Costa, Érico de Souza Brito, Clayton Guerreiro. 2021. Xigubos, pandeiros e atabaques: instrumentos como meio de acesso ao sobrenatural no Brasil e em Moçambique. *Debates Do NER*. Ano 21, n. 40.

Novaes, Sylvania Caiuby. 2009. Entre a harmonia e a tensão – sobre as relações entre antropologia e imagem. *Revista Antropológicas*, vol. 20: 9-25.

Reinhardt, Bruno. 2020. Desagregando a mediação: tecnologias e atmosferas religiosas. *Mana* 26(2): 1-33.

Stoller, Paul. 1989. *The taste of ethnographic things: the senses in Anthropology*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.

### RESUMO

Este ensaio fotográfico resulta de uma experiência etnográfica em Maputo, Sul de Moçambique, dando especial atenção às coisas capazes de produzir luminosidade, aromas e calor, nomeadamente incensos, velas e lumes. A estética do culto “ziona”, como algumas Igrejas Independentes Africanas são chamadas localmente, mostra que elementos como o “fogo” são mais do que meros símbolos ou representações de realidades espirituais. O fogo e seus componentes químicos colaboram para a produção de uma atmosfera religiosa que entrelaça corpos, sentidos, espíritos, coisas e elementos químicos variados.

### PALAVRAS-CHAVE

Antropologia;  
Sentidos;  
Moçambique;  
Ziona; Fogo.

### ABSTRACT

This photographic essay is the result of an ethnographic experience in Maputo, Southern Mozambique. I pay special attention to things that produce luminosity, aromas, and warmth, mainly incense, candles, and lights. The aesthetics of Zion churches (African Independent Churches) show that fire and its elements go beyond symbols or representations of spiritual realities. These components contribute to the production of a religious atmosphere in which bodies, senses, spirits, things, and various chemical elements are entangled.

### KEYWORDS

Anthropology;  
Senses;  
Mozambique; Zion;  
Fire.

**Clayton Guerreiro** é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo e Licenciado em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é pesquisador de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: clayton.guerreiro@yahoo.com.br

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 02/12/2023

Aprovado em: 03/04/2024